

## **A DETERIORAÇÃO DO RELACIONAMENTO<sup>1</sup>**

*Norma Maria Jacinto da Silva* (FEUC)  
[norminhoca@hotmail.com](mailto:norminhoca@hotmail.com)

O romance *Bolor*, de Augusto Abelaira é apresentado em forma de diário cuja narrativa desenvolve-se a partir da pergunta de uma das personagens. Ao meditarmos sobre o bolor, encontramos o poema “Papel”, de Carlos de Oliveira, que aborda o bolor do poema impregnado na folha de papel, como no romance, a esferográfica registra no papel o bolor nos relacionamentos.

Pego na folha de papel, onde o bolor do poema se infiltrou, levando-a contra a luz, distingo a marca de água (uma tênue figura emblemática) e deixo-a cair. Quase sem peso, embate na parede, hesita, paira como as folhas das árvores no outono (o mesmo voo morto, vegetal) e poisa sobre a mesa para ser o vagaroso estrume doutro poema. (OLIVEIRA *apud* SENA, 1983, p. 17)

Bolor. O que é um bolor? Segundo o dicionário *Larousse Cultural*, a palavra bolor tem a seguinte definição: “designação comum de fungos cujas frutificações filamentosas formadas na superfície desprendem esporos em forma de pó” (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 145)

Durante seis anos de vida conjugal, Humberto e Maria dos Remédios tinham muitas indagações não respondidas. A narrativa, em forma de diário, como já colocamos anteriormente, apresenta a vida conjugal de dois seres que se sentem estranhos, desconhecidos, convivendo dentro de um mesmo espaço.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na VI Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, na Fundação Educacional Unificada Campo-Grandense (Rio de Janeiro), aos 5 de novembro de 2011.

Humberto, ao folhear o diário, percebe a página cento e quinze em branco e isso o incomoda. Foi o momento em que tudo parou, período de guerra. Para ele, o diário é um meio de se manter vivo, conversar ao menos consigo. Humberto diz: “Como saber se nela, hoje e durante um ou dois meses ainda branca, branca e situada no futuro, embora um futuro espacial, eu não contarei coisas de cortar o coração? Sobre mim. Ou sobre o mundo, uma guerra...” (ABELAIRA, 1974, p. 10)

O diário marca, através de perguntas, a presença de bolor na vida das personagens. Agora, usando o sentido figurado, é aplicado às características de um bolor nessa relação conjugal. E qual seria esse bolor?

O primeiro vestígio de fungos na relação é a pergunta de Maria dos Remédios. Do nada, ao acordarem, ela pergunta: “Costumas pensar muitas vezes na Catarina?”. (*Ibidem*, p. 11) Ele demora a responder e pergunta a si mesmo: “Por que essa pergunta agora e não há seis anos?” (*Idem, ibidem*). Essa indagação ocorreu agora porque, como o bolor é o desprender de esporos em forma de pó, a pergunta guardada ou impregnada no seu interior é exposta.

Percebemos que alguma coisa com bolor é algo que está mofado e velho. Como o bolor é o apodrecimento, existe marca de apodrecimento na relação entre Humberto e Maria dos Remédios. As perguntas sem respostas eram o bolor. Maria dos Remédios queria uma resposta agora após seis anos de relacionamento e durante este período ficaram indagações sem respostas, marcas do relacionamento que só agora são evidenciadas e isso lhe provoca insatisfação tanto profissional como pessoal.

Maria retorna ao quarto, Humberto ainda não tinha respondido a primeira pergunta, surge a segunda: “Achava-a bonita?”. (*Ibidem*, p. 12) Ela tinha receios guardados em relação à Catarina. Entretanto, não precisava ter receios, pois Catarina estava morta. Deveria tê-los das outras mulheres jovens que poderiam cruzar o caminho de Humberto, pois Maria, com o tempo, envelheceria, criaria rugas. Como os relacionamentos, às vezes, desgastam-se; o alimento também envelhece. Por exemplo: um pedaço de pão guardado passa por alguns estágios antes de ficar bolorento. Primeiramente, o pão fica mole; depois, fica duro e; finalmente, bolorento. As relações que passam por uma rotina também atravessam um processo; este, entrando na rotina, permite a relação ficar bolorenta. Quando o bolor não toma todo alimento, retira-se a parte estragada e se aproveita o restante. Humberto tenta retirar o bolor da relação conjugal, procura sair da rotina, levando-a para jantar fora. Dentro do quarto, ela se

confunde com os objetos; fora, quiça a desejasse, quiça recuperasse algo da relação.

Ela, que sempre se anulava e era vista por Humberto como algo que apenas fazia parte de seu cotidiano, tem uma reação própria. No momento em que Maria dos Remédios olha para Aleixo, deixa de ser um objeto controlado. A perda desse controle perturba Humberto, pois Maria não fazia mais parte do mobiliário; imóvel e sem expressão. Agora, individualizara-se, poderia ter uma característica própria. Conquanto, seria esse o motivo de perturbação de Humberto? Será que Maria dos Remédios libertara-se dele e estivera interessada por Aleixo? Alguns pontos pairam no ar, como a pergunta: ‘Você pensa em Catarina?’ feita de quinze em quinze dias, ou o tempo de seis anos passados para que a pergunta fosse feita, ou ainda, o que estaria por trás dessa pergunta. Será que ela o trairia? Quem seria o culpado, ela ou ele? “O eu moral constituído no interior de tal espaço não pode deixar de sentir-se inquieto no momento em que a reunião moral de dois é interrompida pelo terceiro.” (BAUMAN, 1998, p. 63)

O bolor é assim, ele adere de tal forma ao objeto, que mesmo você limpando, os fungos retornam dias depois. Ele perdeu Catarina, mas ficou com Maria. Será que Maria o deixaria? Por que essa pergunta agora? Para acabar com o bolor em uma parede, você precisa raspá-la e depois pintar o local. Para acabar com o bolor na relação, Humberto precisaria separar-se de Maria dos Remédios. Mas o bolor não está na superfície, na matéria, está nos sentimentos, está entranhado no interior e Humberto observa que a relação atual está impregnada com uma espécie de bolor que o faz lembrar a relação antiga, pois vê Catarina em Maria.

O diário leva a personagem a reviver o passado e pensar no futuro, folheando as páginas e observando “com espanto – e de algumas delas estava esquecido, valeria a pena tê-las escrito só para as não ter esquecido? Folheio não apenas as páginas azuladas, folheio também as brancas, as páginas que aguardam ainda a tinta azul.”. (ABELAIRA, 1974, p. 37)

O diário está repleto de perguntas. Enquanto o mofo penetra nos alimentos, as perguntas adentram no mais íntimo das personagens. Maria dos Remédios é um recipiente de perguntas. Perguntas curtas, rápidas, como se adivinhasse as respostas: “Por que casaste?” (*Ibidem*, p. 21) É a partir de uma que desencadeia uma série de outras que, paulatinamente, corrói a relação.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Com a deterioração, o alimento chega a seu fim. Com a morte, o ser humano sucumbe. Humberto deseja a morte de Maria dos Remédios, pois vê na morte seu renascimento. Antes faltava-lhe maturidade; agora, com mais agudeza, percebe que a relação com Catarina é semelhante a relação com Maria. Atualmente, mais experiente, não repetiria a cena.

Por que não morre? – eu até teria um desgosto profundo, porque gosto dela profundamente. No passado eu nunca soube renascer, faltava-me a maturidade para tanto; mas hoje posso suprimir o tempo, regressar ao princípio, nascer verdadeiramente num mundo novo. (*Ibidem*. p. 43)

O romance não foi escrito por acaso, a quantidade de indagações que existe entre o casal reflete a realidade de outros casais. A rotina provoca a nebulosidade na relação; criando, aos poucos, pontos de fungos e, com o tempo, deteriorando todo convívio. Será que Humberto aprendeu o segredo de não permitir os primeiros vestígios de fungos? Será que em outra relação, ele não permitiria a rotina? Como saber se “Maria dos Remédios não deixa. E só porque vive.” (*Idem, ibidem*.) Ela também deseja a morte de Humberto. Será que separados seriam felizes, seriam pessoas realizadas? Como saber se estão juntos, e continuarão juntos, pois um serve de álibi ao outro. “Talvez eu também escreva um diário, talvez eu também deseje às vezes a tua morte para renascer.” (*Ibidem*, p. 44)

Ele a observa através de uma esferográfica e registra pontos de sua possível personalidade, do tempo que é precioso, mas parece estar parado.

Pensa no relógio e tenta ver Maria dos Remédios através dele, mas não consegue. O relógio passa a fazer parte de seu corpo, seu pulso bate sincronicamente com o objeto e este objeto, dado por Humberto, já não é “um relógio, mas uma ratoeira” (*Ibidem*. p. 15), pronta para mantê-la presa, submissa aos seus olhos. Metaforicamente falando, a ratoeira pode ser a relação marital, onde ambos estão presos pelo bolor criado por eles próprios em seu dia a dia.

O relógio é de ouro. O ouro é um metal precioso usado para presentear ou comprar coisas. Ele que pensa em descobri-la no relógio, engana-se, descobre a si mesmo. Ele a comprara. Pensara, talvez, que um homem rico poderia ter dado o relógio. Pergunta e recebe como resposta: “Foste tu que me deste o relógio” (*Ibidem*. p. 19). Humberto procurou ver Maria dos Remédios através do relógio, mas acabou vendo-se através dele, pois deu um a ela e outro igual à Catarina. Seria Maria dos Remédios igual a Catarina? Mais uma pergunta no ar, um bolor.

O relógio marca o tempo: “Para ti os dias escoam-se velozmente” (*Ibidem*, p. 16); porém, Maria dos Remédios não vê o tempo passar. Sabemos que é o tempo que permite a proliferação do bolor. É este mesmo tempo que esgota os assuntos, diminui o diálogo, exercendo apenas uma função fática, onde Humberto procura manter o canal aberto, mas é difícil, pois o bolor toma conta de todos os espaços. Ele deseja a morte dela; talvez, sem ela, mais uma vez ele ficaria liberto, sem passado, sem o bolor da relação conjugal. Livre para desfrutar de uma vida nova. Todavia, como em todo romance, há uma repetição de atos; ele reproduziria a mesma situação com outra pessoa.

Percebi: o meu pequeno mundo ficava vazio e dependia de mim nesses dias mais próximos decidir em que espécie de outro deveria eu transformar-me para que os anos seguintes não fossem a simples continuação dos anos anteriores. Sentia-me apreensivo, será preciso dizer? Pois não era essa a primeira vez que morria e sempre ao ressuscitar ressuscitara igual ao que fora. (*Ibidem*, p. 41)

O espanador evidencia a poeira em um móvel assim como a esfrográfica relata o bolor na relação marital. “Eis me de repente as contas com perguntas que nunca teria feito sem cartas nas mãos, pois, verdadeiramente, foi a caneta criadora desta dúvida.” (*Ibidem*, p. 41)

Observa os brincos em Maria, mas não consegue individualizá-la através deles. Como ter certeza de que ela era sincera com ele? Será que seria, realmente, impossível viver com outro homem se não fosse com ele? Mais uma pergunta a ser respondida, mais uma pergunta aderente em algum lugar. Maria dos Remédios não era diferente, era igual a todas as mulheres.

O tempo passa, mas Maria dos Remédios não o vê passar. É de quinze em quinze dias que a pergunta retorna: “Nunca me respondeste se pensavas muito em Catarina” (*Ibidem*, p. 36)

Catarina morrera, a partir desse ponto, Humberto precisava enfrentar a vida. “De repente, ao vê-la morta, estendida na cama, descobre uma vida nova à sua frente, uma vida velha acabara”. (*Ibidem*, p. 40) Todo bolor foi tirado, ele estava limpo, sem culpa, sem remorsos. Como em gênese, criaria um novo caminho. Catarina morre para Humberto ressuscitar. Mas, agora, o que fazer? Sem marcas, sem passado, o recomeço de tudo. Engano seu; o bolor, nas relações vitais, não pode ser limpo, pois a presença de Catarina retorna com a pergunta de Maria dos Remédios seis anos depois: “Tu ainda pensas na Catarina?”. (*Ibidem*, p. 11)

Quantos porquê sem respostas:

Por que razão as conversas morrem entre nós, por que o convívio com os meus amigos me dá uma plenitude que tu não me dás, por que razão ao conviver com eles me sinto feliz – e quando olho para ti, quando estou ao pé de ti, imediatamente sinto incompleta a minha vida?

Bem sei: estaria incompleta mesmo sem ti, não és tu a causa do meu fracasso, mas com os meus amigos não dou por ele, contigo sinto-lhe constantemente a presença.

E eu nunca te pedi que fosses a consciência do meu fracasso, Maria dos Remédios! (*Ibidem*, p. 98 e 99)

Humberto vivia em uma rotina com Catarina; ela morre, a relação que ainda existia se ‘deteriora’ e acaba através da morte. Ele recebe a liberdade, mas não sabe o que fazer com ela e reproduz a cena com Maria dos Remédios. Com seus amigos não há bolor, pois não há uma sequência de acontecimentos entre eles, não existe rotina. Já com Maria dos Remédios, a rotina é perceptível; os fungos da relação anterior são transferidos do convívio com Catarina para ela; dessa forma, as indagações ficam na intimidade, a presença do bolor aparece impregnada no interior do ambiente. Portanto, queremos acreditar que os sentimentos de Humberto estão bolorentos.

Como coloca o narrador, Maria dos Remédios não era a causa do fracasso de Humberto. Seu casamento com Catarina era um fracasso. A morte, interrupção das ligações, dá uma liberdade momentânea a Humberto. Sentindo dificuldades em permanecer desligado de um relacionamento, retoma as representações do objeto (Catarina), reativando-as em Maria dos Remédios.

A morte em um ser vivo como também o bolor em um alimento representam o estado de decomposição da matéria. Catarina desaparece fisicamente, mas sua presença é marcada na relação entre Maria dos Remédios e Humberto. O mofo tem a probabilidade de destruir um alimento e espalhar-se para os outros que estejam ao seu redor. Catarina morre ‘apodrece’, Humberto não tem a matéria contaminada com o bolor; entretanto, seus sentimentos estão tomados de bolor e os leva para uma nova relação, repetindo mais uma vez o mesmo episódio.

O rádio está ligado. O período é de guerras, de conflitos sociais, de isolamento. Ele envolto ao diário, procurando um vestígio de esperança para se erguer, para se sentir vivo. Ela envolvida com seus livros; ambos escutam o rádio que serve de ligação entre os dois. Duas pessoas que dividem o mesmo espaço, ouvem o rádio e procuram, através de uma no-

tícia, manter uma conversa ou apenas a troca de algumas palavras. Não há mais diálogo, não têm o que conversar. A rotina deteriora as relações das personagens. Maria representa um objeto empoeirado, “um móvel que o hábito já não deixa ver e que só se dá conta por ele quando está cheio de pó”. (*Ibidem*, p. 154) Maria só é percebida no momento em que aparecem os questionamentos: “Ele devolve-me a pergunta (passamos o tempo a devolver perguntas um ao outro, quase nunca nos oferecemos respostas)” (*Idem, ibidem*).

O diário, relato de acontecimentos ocorridos durante o dia, vem marcar a rotina na vida das personagens. E a rotina, no romance, traz o tédio que provoca o desgaste dos relacionamentos. Em uma relação, uma das partes fica condenada ao silêncio, e se fosse possível fazer um levantamento, observaria que muita coisa ficou pelo meio do caminho durante esses seis anos.

O ser humano tem necessidade de relacionar-se uns com os outros. Entretanto, nessas relações existem as representações e essas “representações perdem seu significado tão logo a consciência por elas produzida se emancipa”. (BEHNKE; FABBRI; LIMA, 1994, p. 10)

Se viver é representar diariamente; quando tomamos consciência que estamos representando na vida, “os papéis devem negar que são papéis e fingir serem identidades, ainda que as identidades não estejam disponíveis em qualquer outro aspecto ou forma que não o de papéis”. (BAUMAN, 1998, p. 94)

Durante o período conturbado de guerra, não há o que fazer, o silêncio é preeminente. No acúmulo de conflitos em um relacionamento, a ausência de comunicação provoca a rotina que traz indagações sem respostas, que ficam impregnadas no ambiente e no interior das personagens, provocando o tédio. Este tédio destrói o relacionamento, como o silêncio sucumbe o diálogo, acabando com qualquer possibilidade de uma convivência harmoniosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 3. ed. [Lisboa]: Livraria Bertrand, 1974.
- ARTAUD, Gérard. *Conhecer-se a si mesmo*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEHNKE, Kerstin; FABBRI, Paolo; LIMA, Luiz Costa. *Crises de representação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

EARP, Antônio Carlos de Sá. *A angústia frente à morte*. Rio de Janeiro: SPID, 1999.

LAROUSSE Cultural. *Dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

SENA, Jorge de. *Líricas portuguesas*. II vol. Lisboa: Edições 70, 1983.